

O novo papel do Museu na sociedade

The new role of the Museum in the society

Kwok Chiu Cheung

Professor de Ecologia do curso de Biologia da Universidade Católica Dom Bosco. Coordenador do Programa de Ecologia e Educação Ambiental e responsável pelo Departamento de Conservação Preventiva e pelo setor de Paleontologia do Museu das Culturas Dom Bosco - MDCB.

RESUMO

A crescente percepção, por parte do público, do papel de lazer, de contemplação e de diversão que os museus possuem, fortalece a idéia de que esses ambientes devem ser utilizados como espaço educacional. O papel do museu diante da sociedade sugere uma nova organização do nosso modo de ver o mundo através de novas propostas museológicas e tecnologias de informação, condicionando nossa relação com o presente e também com vínculos do passado. Os museus desempenham um papel importante no que concerne quer à criação de consciências pessoais, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades locais, regionais ou nacionais, em virtude do seu posicionamento como instrumentos pedagógicos e ideológicos. Assim, funcionam como espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias, sendo capazes de revelar intensas e profundas relações entre a sociedade e a cultura.

PALAVRAS-CHAVE

educação
espaços informais
patrimônio cultural

ABSTRACT

The increasing perception, by the public, of the role of leisure, of contemplation, and fun that the museums have, fortify the idea that these environments have to be used as educational space. The role of the museum in front of the society suggest a new organization by our way to see the world through the new museological propositions and technologies of information, conditioning our relation with the present and also with the ties of the past. The museums develop an important role in that concerns to the creation of personal consciences, whether that respects to their countenance while ideological and pedagogical instruments. So, they succeed as social places that have histories, languages, own pedagogic and educational propositions, being able to reveal intense and deep relations between society and culture.

KEY-WORDS

*education
informal spaces
cultural heritage*

AS TRANSFORMAÇÕES DO MUSEU AO LONGO DO TEMPO

A palavra museu deriva-se do grego *Mouseion* que denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e ciências, filhas de Zeus (poder) com Mnemosine (memória), divindade da memória. Entretanto, esses templos não se destinavam a reunir coleções para usufruto dos homens; eram locais reservados à contemplação, aos estudos científicos, literários e artísticos (CURY, 2006).

Hooper-Greenhil (1994) examinando os relatos sobre as coleções da Renascença observou a frequência com que elas eram designadas como *Theatrum Mundi*, *Theatrum Naturae* e *Theatrum Sapientiae*. A palavra “teatro” (do grego *theáoma*) significa ver, assim estas coleções de objetos materiais diversificados, organizadas pelos príncipes e senhores renascentistas, funcionavam como paradigmas visuais que recriavam simbolicamente a ordem do mundo e o espaço do exercício de seu poder.

Inserida nessa linhagem o *Theatrum Memoriae* propunha a articulação de imagens, lugares e espaços para assegurar a rememoração (MENESES, 1993). Assim, surge o museu como teatro da memória, pois a partir da seleção mental, ordenamento, registro, interpretação e síntese cognitiva na apresentação visual, ganha-se notável impacto pedagógico (HOOPER-GREENHIL, 1994).

Diversos autores citam essas referências sobre a origem da palavra Museu, vinculando-a às musas por herança materna como “lugares de memória” e a herança paterna como “configurações e dispositivos de poder”. Desse modo, os museus são ao mesmo tempo herdeiros de memória e poder. E estes conceitos estão permanentemente articulados nas instituições museológicas (MENESES, 1993).

A aceção atual de museu surgiu precisamente na conjuntura da Revolução Francesa, para preservar a totalidade e diversidade de um patrimônio nacionalizado, no contexto da Revolução, foram desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventário e gestão (CHOAY, 2001).

Esta aceção moderna de museu somente se consolidaria mais tarde com a criação de importantes instituições museológicas na Europa. Instituições que foram concebidas dentro de um “espírito nacio-

nalista” e incumbidas de uma ambição pedagógica (formar o cidadão através do passado), participando de maneira decisiva do processo de construção das nacionalidades (SUANO, 1986).

Santos (1996) afirma que no século XIX firmaram-se dois modelos de museus no mundo: os museus alicerçados na história da cultura nacional, de caráter celebrativo, e aqueles que surgiram como resultado de movimentos científicos, voltados para a pré-história, a arqueologia e a etnologia. Entretanto, as acelerações brutais da história contemporânea e a imediatez em nível de propagação da informação contribuíram para a emergência de uma consciência patrimonial, associada a um traumatismo provocado pela ruptura com as experiências tradicionais de lugar, bem como pelas transformações registradas no plano da temporalidade que fizeram com que o campo de referências culturais a preservar para o futuro registrasse um incremento considerável que repercutiu na proliferação de instituições e instrumentos vocacionados para essa tarefa (ANICO, 2005).

A mesma autora argumenta que devido a essa ameaça de ruptura e de desaparecimento de referências culturais em face da sua assimilação por uma cultura transnacional, por vezes real, por vezes imaginada, assistiu-se a uma crescente valorização das identidades coletivas locais, em função das circunstâncias e necessidades do presente, resgatado, interpretado, recriado, inventado e processado por meio da mitologia, das ideologias, dos nacionalismos, do romantismo e dos localismos.

Esse interesse pelo passado traduziu-se com frequência na criação de lugares de memória (NORA, 2001) ou teatros da memória (SAMUEL, 1994), locais de recordação e reminiscência do passado, que incluem monumentos, arquivos, bibliotecas, comemorações e museus. Nesse contexto, os museus desempenham um papel importante no que concerne quer à criação de consciências pessoais, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades locais, regionais ou nacionais, em virtude do seu posicionamento enquanto instrumentos pedagógicos e ideológicos.

De um modo geral, as instituições museais confrontam-se com dois movimentos da memória: um que se dirige ao passado, que afirma

a ordem e os valores culturais, sem perspectiva de mudança, como lembrança reificada de si mesma e por isso sem liberdade de criação e inovação; e outro que se orienta para o presente e se articula com a vida e se instala, mantendo-se no limiar do instante (ARENDDT, 1992). É o confronto desses movimentos que mantêm a dinâmica e função dos museus.

A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história. A maioria dos museus clássicos tem exercido uma função exclusiva de conservação de coleções, entretanto verifica-se hoje que há uma tendência em utilizar novas linguagens e propostas museológicas (PERRELLI, 2005), bem como da utilização de seus espaços para a pesquisa, extensão e ensino.

Assim, os museus deixaram de ser vistos como espaços de quinquilharia e coisas velhas, adquirindo uma relação dinâmica com a sociedade, deixando de ser apenas instituições permanentes, mas se tornando práticas sociais a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que podem nascer, crescer e morrer. Nesse contexto, Leite (2006) afirma que os museus deixam de exercer seu papel apenas de guarda e aguçam sua vocação para investigar, documentar e comunicar, trabalhando-se permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e internacionais.

O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO

A crescente percepção, por parte do público, do papel de lazer, de contemplação e de diversão que os museus possuem, fortalece a idéia de que esses ambientes devem ser utilizados como espaço educacional. Para a Museums and Galleries Commission (2001), todos os museus oferecem oportunidade para aprendizagem e entretenimento e a educação é uma das funções centrais das instituições museais.

Van-Praet e Poucet (*apud* MARANDINO, 2005b) destacam essa especificidade pedagógica dos museus ressaltando os atributos que o diferenciam da escola:

- Está relacionada a elementos como o lugar, o tempo e a importância dos objetos;
- A questão da brevidade do tempo. Ao contrário da escola, no museu, apesar do tempo também ser essencial para a comunicação, este é muito breve, quando consideramos o tempo que cada visitante concede a um objeto, a um tema;
- O museu oferece uma opção ao espaço “fechado” da escola, pois nele o visitante é um voluntário e não fica preso, sendo cativado pela exposição durante seu percurso;
- O ensino nos museus se apóia nos objetos, sendo estes fonte de riqueza e de interatividade.

Nascimento (2005) complementa esses atributos afirmando que os museus abrem suas portas ao público e conquistam as ruas e todos os espaços sociais de encontro e troca de conhecimento. Pois, são locais diferentes, de prestação de serviços culturais e de lazer que exigem profissionais diferenciados em relação aos das escolas, capazes de atender a toda esta gama de necessidades e de buscas dos visitantes. Portanto, o museu exerce um papel extremamente importante na construção de conhecimentos, tornando-se um agente fundamental também na extensão escolar (VALÉRIO-BRUN *et al.*, 2003).

Além disso, para Bittencourt (2006) é necessário levar o museu até o público, buscando formar professores capacitados para a alfabetização científica, como uma forma de ampliar o alcance do museu e, principalmente os resultados que se podem obter das atividades.

De acordo com Marandino (2004), ao trazer os debates sobre educação para o espaço dos museus, foram aprofundados os estudos no campo da museologia e da comunicação para que pudessem auxiliar na compreensão das especificidades que esse local em particular impõe ao processo de produção. Assim, entende-se que o museu, no que se refere à sua dimensão educativa, é também um local de produção de saberes próprios e deve ser percebido como ambiente educativo, onde as relações se estabelecem entre escola e comunidade, entre comunidade e sociedade, entre seus atores, nos

embates ideológicos por hegemonia (GUIMARÃES; VASCONCELOS, 2006).

É dentro dessa perspectiva que um museu deve assumir uma direção. Nesse contexto, os tipos de programas educativos vão depender do tamanho dos museus, dos recursos financeiros, do quadro de pessoal, do tipo de acervo e dos públicos potenciais (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001). Cada museu deve procurar maximizar a função educativa de seus acervos e suas atividades.

ASPECTOS DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS

Entre os vários tipos de museus que existem, alguns autores destacam os museus de ciências (PERRELLI, 2005; MARANDINO, 2005a; 2001; GASPARG, 1993) como aqueles que obtêm melhores resultados em relação ao processo de educação em espaços informais. Entretanto, todos os museus, independentemente de sua tipologia, são espaços propícios à pesquisa e o conhecimento resulta de interrogações, coleta e análise de fontes documentais, de revisões de teses consagradas, aliando o exercício da interpretação à formulação de novos conceitos.

Desse modo, as exposições e documentações em acervos têm importante potencial educativo, bem como, todos os funcionários podem desempenhar papéis relevantes na atuação educativa dos museus (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001). Assim, os pesquisadores, professores e estagiários que atuam em museus devem refletir sobre seus papéis sociais e quais mudanças são necessárias para que essas instituições consigam explorar e interpretar o mundo, para que sejam capazes de estimular a interatividade reflexiva e identificar problemas e soluções reais da sociedade.

O papel do museu diante da sociedade sugere, então, uma nova organização do nosso modo de ver o mundo, referindo-se ao passado e ao modo de socialização. Isso porque, as novas propostas museológicas ou as novas tecnologias de informação condicionam não só nossa relação com o presente, mas também nossos vínculos com o passado (PIO, 2006).

De acordo com Nascimento (2005) é impossível tratar de maneira definitiva a evolução das práticas educativas dos museus, pois existe uma grande complexidade de interações entre todas as suas coleções individuais. Além disso, é muito difícil calcular qual a real dimensão educativa de um museu (PERRELLI, 2005). Além disso, é possível perceber que museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria (MARANDINO, 2001).

Segundo as diretrizes do Museums and Galleries Commission (2001) é preciso inicialmente considerar a função educativa de um museu e como isso pode ser posto em prática. Os museus têm potencial para oferecer oportunidades educacionais para pessoas de todas as idades, formações, habilidades, classes sociais e etnias. Porém, é importante definir qual público alvo se deseja atingir.

Um museu de caráter educativo deve fazê-lo desde a sua arquitetura, passando pela proposta expositiva e à luz das teorias de aprendizagem apoiadas na idéia de que o conhecimento é construído pelo sujeito, mediante a sua relação com o ambiente natural e social. Esse conjunto de atividades não se resume ao simples contato do visitante com um determinado objeto ou organismo, mas sim na presença de um orientador-mediador que trabalha no museu e será o responsável por instigar e desafiar o visitante a assumir uma posição em relação ao futuro, ao que ele ainda pode aprender.

As instituições museais têm sido as principais responsáveis pela aplicação do processo de transposição didática na educação. A transposição didática parte do pressuposto de que o ensino de um determinado elemento do saber só será possível se esse elemento sofrer certas “deformações” para que esteja apto a ser ensinado (CHEVALLARD, 1998).

De acordo com Anico (2005) os museus desempenham um papel importante no que concerne quer à criação de consciências pessoais, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades locais, regionais ou nacionais, em virtude do seu posicionamento como instrumentos pedagógicos e ideológicos. E, de um modo geral, os

profissionais, que trabalham em museus sentem, instintivamente, que essa educação significativa está ocorrendo e que muitos educadores têm um impressionante repertório de relatos de casos que evidenciam que ela de fato ocorre (GASPAR, 1993).

Nascimento (2005) resume as práticas educativas em museus conforme o modelo triangular: objeto museal – visitante – visita orientada. Ou ainda, seguindo as tendências da evolução de novos recursos tecnológicos de comunicação, pode-se adotar um modelo moderno e que proporcione ao visitante um importante conceito: a interatividade. Nesse contexto observa-se: objeto museal – dispositivo – visitante – prática educativa, denominado modelo triangular com a interface do dispositivo.

Gaspar (1993) acredita que a aprendizagem em museus pode ser vista sob três perspectivas:

- I - a do objeto ou experimento exposto, segundo a qual o fator determinante do comportamento e conseqüente aprendizagem do visitante é o que está exposto, a sua apresentação, iluminação, textos informativos, etc.;
- II - a do visitante, pela qual o fator mais relevante é sua experiência e conhecimento anterior;
- III - a da locação (setting), segundo a qual o comportamento e conseqüente aprendizagem do visitante é determinado, basicamente, por fatores socioambientais e independe da qualidade dos objetos expostos ou de sua bagagem cultural (algo como o comportamento de uma pessoa em um teatro ou cinema, que não depende do espetáculo nem da bagagem cultural de cada um).

Dentro desses modelos que implicam a construção de conhecimentos, que consideram a natureza e a qualidade da experiência do visitante, estão inseridos em uma proposta que considera o apelo aos sentidos, em que não apenas o público observa, mas toca, manipula, escuta, ou mesmo cheira os objetos museais expostos (VALDÉS, 1998). Essa interatividade que provoca fascinação e encantamento apresenta-se sobre um modelo circular para a prática educativa: objeto museal – interatividade – prática educativa – visitante.

A análise de todas as perspectivas mencionadas indica que a principal “ferramenta” a ser utilizada em um museu são os seus objetos, sejam eles relativos às ciências naturais ou humanas. Assim, as pessoas ligadas à educação em museus devem saber como o visitante aprende a partir do objeto, devem ser capazes de criar, implementar e avaliar um plano de ensino nesse novo espaço educativo. Se os educadores forem de diferentes áreas de formação os resultados serão ainda melhores, pois uma equipe multidisciplinar pode abranger toda a área de conhecimento relativa ao acervo de um determinado museu.

Outra característica muito importante a ser aplicada é uma forma de avaliar as atividades educativas desenvolvidas pelo museu. Deve-se conhecer e observar o comportamento de um visitante, ou verificar a eficiência de um objeto exposto, bem como avaliar também, indiretamente, o ambiente em que os visitantes e os objetos se encontram.

E acima de tudo, é importante que o museu adote um referencial teórico que valide os procedimentos pedagógicos ou psicológicos de ensino. Cazelli *et al.* (2003) identifica nos museus tendências pedagógicas tradicionais, tecnicistas e cognitivista-construtivistas de educação. Se considerarmos o contexto e a perspectiva atual do ensino deve-se adotar uma linguagem baseada nas idéias de Vigotsky (1984), ou seja, nas interações como condições para aprendizagem, através do processo de mediação estabelecido entre duas ou mais pessoas que cooperam em uma atividade, construindo um aprendizado coletivo, para depois haver a construção pessoal.

As investigações e as ações educativas que vêm sendo realizadas têm mostrado dificuldades na elaboração de metodologias e na construção de referenciais, em seus aspectos teóricos e técnicos. Entretanto, Gaspar (1993) defende uma liberdade de abordagem de conteúdos sem compromisso com currículos pré-estabelecidos, a diversidade do público-alvo, tanto em relação à idade quanto ao nível de escolaridade, implicam a necessidade de um referencial teórico específico, que contemple indicações de caráter mais abrangente.

Para este mesmo autor uma teoria pedagógica deve oferecer aos museus: a possibilidade da ocorrência efetiva do processo ensino-aprendizagem em um ambiente informal, a viabilidade de um ensino informal em ciências e a forma de interação entre esse ensino informal de ciências e o seu ensino formal. Desse modo, propõe um referencial teórico à luz da teoria de Vigotsky, baseado nas interações pessoais e espontâneas que ocorrem em um museu, e no pressuposto de que o conhecimento é construído por essas interações do sujeito com outros indivíduos.

Cury (2005) reafirma essa característica ao afirmar que a perspectiva interativista rompe com as estruturas e os modelos simplificados de transmissão do conhecimento, pois compreende a comunicação em museus como o encontro entre os pólos (emissor – receptor) que, nesse caso, não são entendidos como opostos. Assim, o emissor e o receptor existem, mas ambos são enunciadores e enunciatários, indivíduos e sujeitos, posto que cada uma das partes, a seu tempo, apropria-se de discursos que circulam em seu meio, reelabora-os e, então, cria os seus próprios discursos.

Em resumo, embora todas as tipologias de museus possam funcionar como espaço educativo é essencial assumir e reconhecer essa função como fundamental entre os objetivos de uma instituição museal. Para isso, é necessário criar programas e políticas educativas voltadas a um determinado público e estabelecer seus objetivos a curto e longo prazo. Devem-se analisar todas as atividades e potencialidades do museu para se compreender como elas podem contribuir para o papel educacional da instituição junto à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os museus tenham surgido como instituições ligadas ao colecionismo e destinadas a abrigar coleções particulares, ao longo do tempo, passaram por um grande processo de transformação que explicitou uma nova e importante área de atuação: a educação. Nesse processo de mudança os museus deslocam-se entre um modelo de comunicação funcionalista e outro interacionista sem, no entanto, abandonar qualquer um dos dois modelos.

Esse caráter inovador prova que o museu permeia a sociedade ao seu redor, alterando e sendo influenciado por conceitos e tendências, sejam culturais, biológicas ou tecnológicas. Em linhas gerais, essas instituições utilizam o conhecimento existente sobre seu acervo, desenvolvem uma lógica conceitual, organizam os objetos museológicos associados a elementos contextualizadores, tendo um espaço físico como referência dessa ordem.

Os museus atualmente são reconhecidos como ambientes educativos e informais, que proporcionam aprendizagem ativa, diferenciada e fundamentada no contato do visitante com o objeto e sua história. Além disso, atendem todos os grupos sem distinção de idade ou formação, configurando-se em espaço formativo espontâneo e lúdico.

Esse papel educativo agrega ainda mais valor às instituições museais, permitindo sua integração junto à escola e à formação de cidadãos conscientes e capazes de pensamento crítico e construtivo. Tendo nos objetos sua principal, mas não única característica, oferece o desafio e ao mesmo tempo a riqueza de uma abordagem do presente, deslocando-se ao passado e projetando o futuro.

Assim, os museus são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. E revelam intensas e profundas relações entre a sociedade e sua cultura.

REFERÊNCIAS

ANICO, M. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n.23, p.71-86, 2005.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BITTENCORT, J.N. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. In: *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros, n.2, 2006.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática, 1999. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (Orgs.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Acess e FAPERJ, 2003, p.83-106.

CHEVALLARD, Y. *La transposición didáctica: del saber sábio al saber ensinado*. Buenos Aires: Aique, 1998.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v.12 (suplemento), p.365-80, 2005.

_____. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume 2006.

LEITE, M.I. Crianças, velhos e museus: memória e descoberta. *Cad. Cedes*, Campinas, v.26, n.68, p.74-85, jan./abr. 2006.

GASPAR, A. *Museus e centros de ciências - conceituação e proposta de um referencial teórico*. 1993. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GLEZER, R. Comentário X. In: MENESES, U.T.B. Do teatro da memória ao laboratório de história: exposição museológica ao conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.3, Nova Série, 1995.

GUIMARÃES, M.; VASCONCELOS, M.M.N. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. *Educar*, Curitiba, n.27, p.147-162, 2006.

HOOPER-GREENHILL, E. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. In: *The Educational role of The Museum*. Routledge, London, p.3-25, 1994.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v.12, p.161-81, 2005a.

_____. Museus de Ciência como espaços de educação. In: FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D.G. (orgs.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Brasília-DF: Argumentum, 2005b. p.165-176.

_____. Interfaces na relação Museu-Escola. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, v.18, n.1, p.85-100, 2001.

_____. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. *Revista Brasileira de Educação*, n.26, p.95-108, 2004.

MENESES, U.T.B. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista da USP*, São Paulo, n.1, p.207-222, 1993.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. Trad. Maria Luíza Pacheco Fernandes. São Paulo: EDUSP/Vitae, 2001. (Série Museologia, 2).

NASCIMENTO, Sílvia Sousa do. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana (org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao Museu Moderno*. Belo Horizonte: Argumentum/CNPq, 2005. p. 221-239.

NORA, P. *Rethinking France: les lieux de mémoire*. Chicago: University of Chicago Press, 2001. v.1.

PERRELI, M.A.S. Museu Dom Bosco: reflexões sobre o seu papel como espaço educativo. In: PERRELI, M.A.S.; ALBUQUERQUE, L.B.; ANJOS-AQUINO, E.A.C. (orgs.). *Descobrendo o Museu – experiências de pesquisa e extensão no Museu Dom Bosco*. Campo Grande: UCDB, 2005. p.193-202.

PIO, L.G. Musealização e cultura contemporânea. In: *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n.2, p.48-57, 2006.

NASCIMENTO, S.S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D.G. (orgs.). *Museus – dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Brasília-DF: Argumentum, 2005. p.221-239.

SAMUEL, R. *Theatres of memory*. London: Verso, 1994.

SANTOS, C.T.M. O papel dos museus na construção de uma “Identidade Nacional”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.28, 1996.

SUANO, M. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VALDÉS, J.F. *Cómo hacer un museo de ciencias*. México: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma de México, 1998.

VALÉRIO-BRUN, L.M. *et al.* Animais do Cerrado ameaçados de extinção do Museu Dom Bosco: uma forma de Educação Ambiental – Campo Grande, MS. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 6. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003. p.560-561.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979.

_____. *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto *et alii*. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.